

CHRISTINE ZURBACH

TRADUZIR MOLIÈRE PARA O TEATRO HOJE EM PORTUGAL

(Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora)

Por diversas razões que devem ser aqui referidas, o lançamento da obra que tenho o prazer de apresentar hoje é um acontecimento pouco frequente, quase raro no nosso panorama editorial.¹

Por se tratar da publicação, no formato de um livro, da tradução de um texto de teatro.²

Por se tratar de uma comédia do dramaturgo francês Molière, um autor antigo, um *clássico*.

Por se tratar de uma encomenda feita pela companhia de teatro Ensemble com vista à realização de um espectáculo, o que nos remete para uma tradução capaz de integrar, em prioridade, as exigências do palco. O que fez com imenso sucesso: estreada em Novembro de 2009, no Porto, no Teatro Carlos Alberto, com encenação de Rogério de Carvalho, teve o prémio de Melhor Espectáculo do Festival de Almada 2010 e foi espectáculo de Honra do Festival 2011.

Por ser assinada pela tradutora Alexandra Moreira da Silva, cujo perfil é logo à partida a garantia do total sucesso da tarefa: tem um percurso académico especializado no estudo do teatro na Universidade do Porto; tem um percurso artístico na prática do teatro junto de companhias profissionais, e é tradutora de teatro há vários anos, em Portugal e em França.

Mais conhecida pelas suas belíssimas traduções de autores contemporâneos de língua francesa, como Lagarce, ou de língua portuguesa, como Abel Neves, para o Centro de Tradução de Teatro Antoine Vitez, em França, revela, nesta tradução do *Avarento*, uma competência sem falha no território dos *clássicos*, no trabalho sobre uma língua e uma forma datadas, por mais que se diga que um verdadeiro autor clássico resiste às camadas de pó que sobre ele se acumulam...

Na verdade, nesta tradução, a obra de Molière parece ter sido poupada ao envelhecimento e ter sido capaz de vencer as inevitáveis fronteiras linguísticas e culturais que são o terreno de combate mais difícil na tradução de teatro.

É sabido que, entre todas as suas comédias, *L'Avare* (1668) é certamente uma das mais conhecidas e mais representadas, e é certo também que, entre os loucos de Molière, Harpagão é também o mais famoso e o mais aplaudido, graças a grandes intérpretes que ao longo dos séculos lhe deram corpo, apesar de se revelar hoje como uma das mais inquietantes personagens cómicas de Molière, como uma figuração perversa do lado mais sombrio do ser humano.

¹ Texto apresentado a convite da companhia profissional de teatro Ensemble no Festival de Teatro de Almada e no Teatro Experimental Carlos Alberto do Porto em Julho de 2011.

² Molière, *O Avarento*, trad. e prefácio de Alexandra Moreira da Silva, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, colecção Teatro Nacional São João - 8, 2011.

Na época, a peça foi recebida com alguma reserva e a crítica académica de então considerou-a como um objecto imperfeito, apontando-lhe graves defeitos: estaria demasiado próxima da fonte, que Molière busca na comédia de Plauto intitulada *A Comédia da Marmita* ou *Aulularia*; desrespeitaria princípios genológicos imperativos, recorrendo à prosa e não ao verso apesar de ter cinco actos; mas sobretudo, seria (e é...) uma afirmação demasiado desabrida do vigor indisciplinado da tradição da farsa, marginalizada pelos sábios, mas muito popular junto do público de Molière. E sabemos que Molière, quer o dramaturgo quer o actor, nunca desistiu do recurso ao registo farsesco, contra a vontade de Boileau e apesar de todas as polémicas e querelas que provocou. E foi enquanto actor que melhor defendeu as suas figuras excêntricas numa época de afirmação das Belas Letras e de domesticação da língua e dos costumes.

E não pode escapar certamente a quem é desafiado para traduzir as comédias de Molière a particularidade de **uma escrita pensada para o palco e para os actores**. O trabalho da tradutora Alexandra Moreira da Silva é nisso exemplar, por se ter deixado guiar por essa mesma preocupação, dando-lhe prioridade. E perante a obra traduzida, apetece-me imaginar um Molière lendo por cima do ombro da sua tradutora ou segurando-lhe a mão enquanto escreve...

Dramaturgo e tradutora surgem aqui como uma dupla de escritores, como criadores de ficções que sabem como usar a língua comum, mas de uma maneira que nos surpreende, tornando o familiar, o reconhecível, ao mesmo tempo diferente e estranho.

Como é muito claramente explicado por Alexandra Moreira da Silva no prefácio da obra, trata-se de uma mesma tarefa, quer para o dramaturgo, quer para o tradutor: a de encontrar na palavra a variedade, o dinamismo, o ritmo, que se tornam o **material de jogo e de representação** que o texto organiza, submetendo-o à nossa fruição como espectadores.

Não deveria surpreender-nos por se tratar de um texto dramático, um texto para o teatro. Mas aqui, por se tratar de Molière, de um texto datado de 1668, a tradutora optou por uma dificuldade para o espectador de hoje: quis sinalizar a passagem do tempo, nessa comédia antiga agora reescrita como nova, mas que não abandonou as marcas que situam a obra numa época outra, usando a língua como veículo privilegiado. As formas verbais e de tratamento são a ferramenta ideal para produzir esse efeito. Como a retórica, que definia nesse tempo o que hoje chamamos o “literário”.

Basta citar um exemplo: o da cena do monólogo de Harpagão roubado, no IV acto, em que a personagem dá o passo que faltava para mergulhar na irracionalidade e, esquecendo que não passa de um ser de ficção, interpela o espectador. O momento é antológico, mas é sobretudo um *número para actor*, que autoriza cada intérprete, de acordo com o seu talento, a ir o mais longe possível no jogo verbal e corporal que o texto disponibiliza e estimula. A escrita de Molière é exemplar, e a tradução também.

Alexandra Moreira da Silva mostra assim que traduzir um texto para o teatro não é só dar conta de um conteúdo, mas também do modo como esse conteúdo pode significar em cena.

Molière desempenhava, já o dissemos, os papéis cómicos ou as figuras ridículas que todos conhecemos, de personagens extravagantes ou delirantes que estariam do *outro lado* (errado?) deste mundo novo, de uma nova era, agora governado pela Razão e pela Natureza conforme o assumia o jovem monarca Luís XIV. Um mundo sem loucos mansos nem marginais atrevidos, sem maníacos obcecados nem melancólicos, sem sedutores prepotentes nem ciumentos intolerantes, sem pedantes nem sabichonas, sem hipócritas nem tiranos... como se tal fosse possível...

E, aliás, o que seria o teatro de Molière se não existissem essas figuras? A desordem que suscitam é a própria alma da dramaturgia de Molière. Mais do que a grandeza do autor consagrado, é ela que mantém vivo o interesse do público pela sua obra, hoje talvez mais ainda do que no século XVII. Precisamos da sátira cómica, do burlesco e da farsa para reagir a um mundo que, neste início de novo século, parece querer perder a sua racionalidade.

A peça faz parte do grupo das comédias que Patrick Dandrey, na sua obra *Molière ou l'esthétique du ridicule*,³ analisa a partir da relação entre “La Nature et la Folie” para descrever o que chama a triste e algo aterradora “humanité comique”.

Ao abrigo do tema da Loucura, a peça conta uma sucessão de verdadeiras monstruosidades que, cena a cena, revelam o que de mais sombrio pode existir na relação entre pais e filhos, nem sempre tão claramente enunciado como o vimos aqui, mas perpassadas pelo desejo de ver o outro morto e enterrado o mais depressa possível... O roubo também passou a ser visto como acção meritória.

Para o público de hoje, a peça pode suscitar uma certa perplexidade, pela sua ambiguidade, aliás bem característica da farsa: fazer rir – mas de quê ou de quem afinal? – o que requer sempre uma razoável pitada de crueldade ou mesmo de violência.

Hoje, aos nossos olhos, o velho Harpagão, personagem central da obra e fonte de todos os conflitos, não pode ser apenas mais uma invenção própria do génio da comédia. Satirizado pelo seu excesso, representa um mundo construído sobre o(s) segredo(s), a mentira, o engano propositado ou o mal entendido e o quiproquó. Nada parece funcionar na comunicação entre os seres nesta peça.

Como poderá haver comicidade nisto, apesar de tudo?

Provavelmente porque o que nos faz rir é o que Molière revela, abrindo uma Caixa de Pandora – *a família* - ou seja, o que existe por detrás deste desarranjo e deste desconcerto, o que o provoca, nomeadamente – e não será novidade hoje – o dinheiro e a sua centralidade nas relações entre os seres ditos humanos. E o mais sinistro provavelmente é um entendimento do valor do dinheiro pela *ausência*, fazendo do pobre um rico como a alcoviteira Frosina sabe explicar ao velho Harpagão: os gastos que a jovem e pobre Mariana não faz, e que contabiliza como *saldo positivo* são um ganho objectivo para ele. A

³ Dandrey, Patrick, *Molière ou l'esthétique du ridicule*, Lincksieck, 1992

pobreza afinal é uma forma de riqueza, transformada em verdadeiro capital para um matrimónio bem sucedido...

Alexandra Moreira da Silva traduziu tudo, o texto e o subtexto deste universo absurdo, dominado pelo velho Harpagão. É o que permite conduzir o espectador a entender que, na obra de Molière, o que nos é dito ainda hoje – e sobressai após 350 anos – é que a dificuldade principal é viver e que, contrariamente ao ditado, talvez o dinheiro possa trazer a felicidade. Como o mostra a mudança de rumo na vida dos jovens personagens com a chegada inesperada de Anselmo, pai ausente é certo, mas regressado rico e poderoso que, milagrosamente reencontrado, vem resolver em bem o que Harpagão teimava em complicar.

Mas talvez Molière não acreditasse tanto assim nesses finais, melodramáticos e teatrais no sentido negativo da palavra, como o sublinha tão bem o tom enfático e sentimental que a tradução assume para concluir uma peça até aí dura e amarga.

A tradução revela-se na sua subtileza como objecto multiforme e dialogante, sensível à obra inteligente que Molière nos deixou e que nos acompanha hoje tão oportunamente, não fosse ela afinal um sério debate sobre o valor do dinheiro e sobre o que o “vil metal” nos leva a fazer... Mas talvez esse seja mais um assunto do próximo telejornal. Sem surpresa, afinal? ...

